

Argentinos persistem em sua discreta moratória

MONICA YANAKIEW
Correspondente

BUENOS AIRES — Silenciosamente, os argentinos mantêm a decisão de não pagar os juros de sua dívida de médio e longo prazo com os bancos estrangeiros: eles estão em moratória desde abril do ano passado.

Do total de US\$ 68 bilhões da dívida argentina, US\$ 36 bilhões são dos bancos privados, US\$ 9 bilhões de organismos internacionais e o restante do Clube de Paris e de títulos públicos. Se fosse pagar o serviço da dívida, a Argentina gastaria US\$ 5 bilhões, o que não fez, nem fará.

— É a política do Governo. Não vamos sacrificar o crescimento da economia por causa da dívida. Mas tudo

o que fazemos é negociado — revelou ao GLOBO um funcionário do banco central argentino.

Os motivos da moratória são vários. Primeiro, faltava dinheiro: em 1987 o saldo da balança comercial argentina foi de apenas US\$ 700 milhões. No ano passado, a situação melhorou: o saldo foi de US\$ 3,5 bilhões. Mas o Governo já estava pensando no Plano Primavera de combate à inflação e, para pô-lo em prática, precisava ter boas reservas de moeda internacional. Continuou sem pagar aos banqueiros.

O Plano Primavera não só reduziu a inflação mensal de mais de 20% a 6,8%, em dezembro, como manteve o dólar baixo. Mas a moeda americana só não disparou graças a altíssimas taxas de juros no mercado interno e

à constante ameaça do banco central de lançar no mercado os dólares que acumulou ao não pagar sua dívida. A estratégia do Governo agora é começar a unificar os dois tipos de câmbio da Argentina: o comercial (determinado pelo banco central) e o financeiro (regido pela lei da oferta e da demanda). E para manter ambos sob controle, precisa manter o nível de suas reservas cambiais, estimadas em US\$ 3,5 bilhões.

Faltando pouco para as eleições presidenciais, economistas do Partido Justicialista (peronista) temem que a moratória esteja sendo tolerada pelos Estados Unidos, que querem a vitória da União Cívica Radical nas eleições. E que, se os peronistas ganharem, caiba a eles negociar o que não foi pago.